

AQUELA GAROTA É PROIBIDA,
MAS ELE FARÁ DE TUDO PARA FICAR COM ELA

jogos do
AMOR
essência

Twisted Games

ANA HUANG

ANA HUANG

jogos do
AMOR
essência
Twisted Games

AQUELA GAROTA É PROIBIDA
MAS ELE FARÁ DE TUDO PARA FICAR COM ELA

Tradução
Débora Isidoro



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Ana Huang, 2023
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Copyright de tradução © Débora Isidoro, 2023
Todos os direitos reservados.
Título original: *Twisted Games*

Preparação: Renato Ritto
Revisão: Fernanda Costa e Tamiris Sene
Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos
Capa: E. James Designs/ Sourcebooks
Adaptação de capa: Emily Macedo
Imagens de capa: tomert/depositphotos; york_76/depositphotos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Huang, Ana

Jogos do amor / Ana Huang; tradução de Débora Isidoro. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
400 p.

ISBN 978-85-422-2459-7

Título original: *Twisted Games*

1. Ficção norte-americana I. Título II. Isidoro, Débora

23-5819

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2023

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
01415-002 – Consolação – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

Editora Planeta  **20**
Brasil ANOS

Acreditamos nos livros

Este livro foi composto em Freight
Text Pro e impresso pela Geográfica
para a Editora Planeta do Brasil em
outubro de 2023.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Bridget

— **ME BATE! MESTRE, ME BATE!**

Sufoquei uma risada ao ver a cara do meu guarda-costas, Booth, quando Couro, o papagaio, esganiçou na gaiola. O nome do papagaio diz tudo o que você precisa saber sobre a vida sexual de seu dono anterior, e, embora algumas pessoas se divertissem com ele, Booth não achava o bicho engraçado. Ele odiava aves. Dizia que o faziam pensar em ratos gigantes com asas.

— Um dia, ele e Couro vão se entender — afirmou Emma, a diretora do abrigo para animais, Caudas e Bigodes, estalando a língua. — Coitado do Booth.

Engoli a risada de novo, apesar de sentir o coração apertado.

— Provavelmente não. Booth vai embora em breve.

Eu tentava não pensar nisso. Booth estava comigo havia quatro anos, mas sairia em licença paternidade na semana seguinte e, depois disso, ficaria em Eldorra para ficar mais perto da esposa e do recém-nascido. Estava feliz por ele, mas sentiria sua falta. Ele não era só meu guarda-costas, mas um amigo, e eu só podia torcer para ter uma relação boa como aquela com seu substituto.

— Ah, sim, esqueci. — O rosto de Emma se suavizou. Aos sessenta e poucos anos, ela tinha cabelo curto com mechas grisalhas e afetuosos olhos castanhos. — São muitas mudanças para você em pouco tempo, querida.

Ela sabia o quanto eu odiava despedidas.

Estava trabalhando como voluntária na Caudas e Bigodes desde o segundo ano da faculdade, e Emma tinha se tornado uma amiga próxima e mentora. Infelizmente, ela também iria embora. Continuaría em Hazelburg, mas se aposentaria da direção do abrigo, o que significava que eu não a veria mais toda semana.

— Uma delas não *precisa* acontecer — falei, e era só parcialmente brincadeira. — Você poderia ficar.

Ela balançou a cabeça.

— Cuidei do abrigo por quase uma década, e é hora de sangue novo. Alguém que possa limpar as jaulas *sem* sentir dor nas costas e no quadril.

— É pra isso que servem os voluntários. — Aponte para mim. Estava insistindo demais, mas não conseguia evitar. Com a saída de Emma e Booth e minha iminente formatura na Universidade Thayer, onde eu me formaria em relações internacionais – como era o esperado de uma Princesa –, tinha despedidas suficientes para os próximos cinco anos.

— Você é um amor. Não conte aos outros, mas... — Ela baixou a voz num sussurro condescendente. — Você é minha voluntária favorita. É raro encontrar alguém da sua importância fazendo caridade porque quer, não para fazer um espetáculo para as câmeras.

O elogio me fez corar.

— É um prazer. Adoro animais.

Herdei isso da minha mãe. É uma das poucas partes dela que me restam.

Em outra vida, eu teria sido veterinária, mas nesta? Meu caminho foi traçado para mim antes de eu nascer.

— Você daria uma rainha incrível. — Emma deu um passo para o lado para dar passagem a um membro da equipe que carregava um cachorrinho agitado. — De verdade.

Eu ri da ideia.

— Obrigada, mas não tenho interesse em ser rainha. Mesmo que tivesse, as chances de usar a coroa são mínimas.

Como princesa de Eldorra, um pequeno reino europeu, cheguei mais perto de governar que a maioria das pessoas. Meus pais morreram quando eu era criança – minha mãe, no parto; meu pai, em um acidente de automóvel alguns anos depois – e eu me tornei a segunda na linha de sucessão ao trono. Meu irmão, Nikolai, quatro anos mais velho que eu, é treinado para ocupar o trono por nosso avô, o Rei Edvard, desde que aprendeu a andar. Quando Nikolai tiver filhos, vou ser afastada da linha de sucessão, algo de que não me queixo. Eu tenho tanta vontade de ser rainha quanto de me banhar em uma tina de ácido.

Emma fez uma cara desapontada.

— Ah, bom, o sentimento é o mesmo.

— Emma! — chamou outro membro da equipe. — Temos um problema com os gatos.

Ela suspirou.

— São sempre os gatos — resmungou. — Enfim, queria contar sobre minha aposentadoria antes que você soubesse por outra pessoa. Ainda fico por aqui até o fim da semana que vem, então vejo você na terça-feira.

— Combinado. — Eu me despedi dela com um abraço e a vi se afastar apressada para ir resolver uma briga de gatos, literalmente, e a dor em meu peito aumentou.

Estava feliz por Emma não ter me contado sobre a aposentadoria antes do fim do expediente, ou isso teria ocupado minha cabeça o tempo todo.

— Pronto, Alteza? — Booth perguntou, visivelmente aflito para sair de perto de Couro.

— Sim. Vamos.

— Sim, vamos! — gritou Couro quando saímos. — Me bate!

Finalmente desisti de segurar a risada quando vi a careta de Booth.

— Vou sentir sua falta, Couro também vai. — Coloquei as mãos nos bolsos do casaco para protegê-las do frio cortante do outono. — E o novo guarda-costas, como ele é?

As folhas rangiam sob meus pés no caminho de volta para minha casa perto do campus, a apenas quinze minutos dali. Eu adorava o outono e tudo o que tinha a ver com ele – as roupas aconchegantes, a confusão de cores terrosas nas árvores, o toque de canela e fumaça no ar.

Em Athenberg, eu não conseguiria andar pela rua sem ser cercada pelas pessoas, e isso era o melhor em Thayer. A população de estudantes contava com tantos herdeiros da realeza e de celebridades que uma princesa não era grande coisa. Eu podia ter uma vida universitária relativamente comum.

— Não sei muito sobre o novo guarda-costas — admitiu Booth. — Apenas que ele é terceirizado.

Levantei as sobrancelhas.

— Sério?

Às vezes, a Coroa contratava seguranças particulares terceirizados para servir junto à guarda real, mas era raro. Nos meus vinte e um anos, nunca tinha visto um guarda-costas terceirizado.

— Ele é, supostamente, o melhor — disse Booth, confundindo minha surpresa com desconfiança. — Ex-militar da força de operações especiais da

Marinha, a Navy SEAL, recomendações incontestáveis e de alta categoria, experiência em garantir a segurança de celebridades com grande exposição. Ele é o profissional mais requisitado da empresa para a qual presta serviço.

— Humm. — *Um guarda americano. Interessante.* — Espero que a gente se dê bem.

Quando duas pessoas têm que conviver vinte e quatro horas por dia, todos os dias, compatibilidade é uma coisa importante. Pra caramba. Eu conhecia pessoas que não tinham se envolvido com os detalhes da própria segurança e esses arranjos nunca tinham durado muito.

— Tenho certeza de que vão se dar bem. É fácil conviver com você, Alteza.

— Só está dizendo isso porque sou sua chefe.

Booth soltou um sorriso irônico.

— Tecnicamente, o diretor da guarda real é meu chefe.

Apontei um dedo para ele com ar brincalhão.

— Já está me desacatando? Que decepção.

Ele riu. Apesar da insistência em me chamar de “Alteza”, estabelecemos ao longo dos anos um companheirismo casual que eu apreciava. Formalidade excessiva me cansava.

Durante o restante do trajeto, falamos sobre a paternidade iminente na vida de Booth e a mudança de volta a Eldorra. Ele estava quase explodindo de orgulho do filho que ia nascer, e eu não conseguia evitar uma pontinha de inveja. Não estava nem perto de me casar e ter filhos, mas queria o que Booth e a esposa dele tinham.

Amor. Paixão. *Escolha.* Coisas que dinheiro nenhum podia comprar.

Um sorriso sarcástico passou pelos meus lábios. Sem dúvida, se alguém pudesse ouvir meus pensamentos, pensaria que sou uma mimada ingrata. Podia ter qualquer bem material que desejasse com um estalar dos dedos e estava choramingando por amor.

Mas pessoas eram pessoas, independentemente do título que carregavam, e alguns desejos eram universais. A capacidade de realizá-los, infelizmente, não era.

Talvez eu me apaixonasse por um príncipe que me tiraria do chão, mas não acreditava nisso. Provavelmente acabaria tendo um casamento chato, socialmente aceitável, com um homem chato, socialmente aceitável, que iria

transar comigo só na posição papai e mamãe e passaríamos férias nos mesmos dois lugares todos os anos.

Deixei de lado esse pensamento deprimente. Tinha um longo caminho a percorrer antes de sequer *pensar* em casamento, e atravessaria essa ponte quando chegasse lá.

Vi minha casa ao longe e notei a BMW preta desconhecida parada na entrada. Presumi que fosse do meu novo guarda-costas.

— Ele chegou cedo. — Booth levantou uma sobrancelha em sinal de surpresa. — Não devia vir antes das cinco.

— Acho que pontualidade é um bom sinal. — Mas meia hora de antecedência *podia* ser exagero.

A porta do carro foi aberta, e um grande sapato preto pisou no asfalto. Um segundo depois, o maior homem que já vi na vida saiu de dentro do automóvel e senti a boca seca.

Que. Delícia!

Meu novo guarda-costas devia ter um metro e noventa e cinco, pelo menos, talvez um e noventa e oito, com músculos sólidos e esculpidos em cada centímetro do corpo poderoso. O cabelo preto dele encontrava o colarinho da camisa e caía sobre os olhos cinzentos, e as pernas eram tão longas que ele devorou a distância entre nós com três passos.

Para alguém tão grande, ele se movia com discrição surpreendente. Se não estivesse olhando para ele, não teria notado a aproximação.

Ele parou na minha frente e jurei que meu corpo tinha se inclinado um centímetro na direção do homem, incapaz de resistir à força magnética dele. Também me sentia estranhamente tentada a deslizar a mão por seus cabelos escuros e grossos. Muitos ex-militares mantinham o corte militar mesmo depois de deixarem o serviço, mas ele não fazia parte desse grupo, claramente.

— Rhys Larsen. — A voz profunda e grave me envolveu como uma carícia aveludada. Agora que ele estava mais perto, vi uma cicatriz fina cortando a sobrancelha esquerda, dando um toque ameaçador à boa aparência. Havia uma sombra de barba em seu rosto, e uma insinuação de tatuagem escapava das duas mangas da camisa.

Ele era o oposto dos tipos certinhos e bem-barbeados pelos quais eu costumava me interessar, mas isso não me impedia de sentir uma borboleta no estômago.

Fiquei tão impressionada por sua aparência que esqueci de responder, até ouvir Booth tossir ao meu lado.

— Sou Bridget. Muito prazer — falei, torcendo para que nenhum dos dois notasse o rubor subindo por meu pescoço.

Omiti o título de “Princesa” de propósito. Parecia pretensioso demais para uma apresentação informal.

No entanto, notei que Rhys não se dirigia a mim com “Alteza”, como Booth fazia. Não me incomodava, já fazia anos que eu tentava convencer Booth a me chamar pelo nome, mas era outro sinal de que meu novo guarda-costas não seria nada como o antigo.

— Vai precisar se mudar.

Olhei para ele.

— Como é que é?

— Sua casa. — Rhys acenou com a cabeça na direção da minha não tão espaçosa, mas aconchegante, casa de dois dormitórios. — É um pesadelo para a segurança. Não sei quem escolheu o lugar, mas precisa se mudar.

A borboleta em meu estômago desapareceu.

Nós nos conhecemos há menos de dois minutos e *ele* já estava me dando ordens como se fosse o chefe. *Quem ele pensa que é?*

— Moro aqui há dois anos. Nunca tive problemas.

— A primeira vez que tivesse seria a última.

— Não vou me mudar. — Pronunciei as palavras com uma dureza que raramente usava, mas o tom condescendente de Rhys me irritava.

Qualquer atração que eu tivesse sentido por ele virou cinzas. A ascensão e queda do interesse mais rápidas de toda minha história com o sexo oposto.

Não que fosse dar em alguma coisa. Afinal, ele era meu guarda-costas, mas seria bom ter um colírio para os olhos *sem* sentir vontade de chutar o cara porta afora.

Homens. Só precisam abrir a boca para estragar tudo.

— Você é o especialista em segurança — acrescentei, com frieza. — Resolva isso.

Rhys me encarou com as sobrancelhas pretas e grossas abaixadas. Não me lembrava da última vez em que alguém tinha feito cara feia para mim.

— Sim, *Alteza*. — O tom de voz ao pronunciar a última palavra debochava do tratamento, e as brasas de indignação queimaram com mais intensidade em meu estômago.

Abri a boca para responder – não sei como, porque ele não tinha sido abertamente hostil –, mas Booth interferiu antes que eu dissesse alguma coisa de que acabaria me arrependendo.

— Por que não entramos? Parece que vai chover — falou depressa.

Rhys e eu olhamos para cima. Para o céu azul e limpo.

Booth pigarreou.

— Nunca se sabe. Às vezes chove do nada — ele resmungou. — Por favor, *Alteza*.

Entramos na casa em silêncio.

Tirei o casaco e o pendurei no mancebo de metal ao lado da porta antes de tentar mais uma vez me comportar com alguma civilidade.

— Quer beber alguma coisa?

Ainda estava irritada, mas odiava confrontos, e não queria que meu relacionamento com o novo guarda-costas começasse de forma tão azeda.

— Não. — Rhys estudou a sala, que eu decorei em tons de verde-jade e bege. Uma diarista fazia a faxina completa a cada quinze dias, mas, no geral, eu mantinha o lugar limpo e arrumado.

— Por que não aproveitamos para nos conhecer? — falou Booth, com um tom jovial e um pouco alto demais. — Quer dizer, você e Rhys, *Alteza*. Podemos falar sobre suas necessidades, expectativas, horários...

— Excelente ideia. — Com um sorriso forçado, aponteí o sofá, convidando Rhys a sentar-se. — Por favor. Sente-se.

Nos quarenta e cinco minutos seguintes, falamos sobre a logística da situação. Booth ainda seria meu guarda-costas até segunda-feira, mas Rhys o acompanharia até lá para poder ter uma ideia de como as coisas funcionavam.

— Tudo certo. — Rhys fechou a pasta que continha um relatório detalhado dos meus horários de aulas e minha agenda semanal, os próximos eventos públicos e as viagens programadas. — Vou ser bem franco, Princesa Bridget. Você não é a primeira herdeira real que protejo, nem será a última. Trabalho para a Harper Security há cinco anos e nunca um cliente sob minha proteção foi prejudicado. Quer saber por quê?

— Vou tentar adivinhar. Seu charme estonteante chocou os atacantes em potencial e os reduziu a criaturas complacentes — falei.

Booth deixou escapar uma gargalhada, que transformou rapidamente em tosse.

Rhys nem sorriu. *É claro que não.* Minha piada não era digna do Comedy Central, mas imaginava que seria mais fácil encontrar uma cachoeira no Saara do que um pinga de humor naquele corpo grande e esculpido.

— Por dois motivos — continuou Rhys, calmo, como se eu não tivesse falado nada. — Primeiro, não me envolvo na vida pessoal dos clientes. Estou aqui para garantir sua integridade física. Só isso. Não estou aqui para ser seu amigo, confidente ou qualquer outra coisa. Isso garante que meu julgamento não seja comprometido. Segundo, meus clientes entendem como as coisas devem funcionar, se quiserem permanecer seguros.

— E como é que devem funcionar? — Meu sorriso educado transmitia um aviso que ele não notou, ou ignorou.

— Eles fazem o que eu digo, quando a orientação tem a ver com questões de segurança. — Os olhos cinzentos de Rhys encontraram os meus. Era como olhar para uma parede de aço. — Entende, Alteza?

Esqueça amor e paixão. O que eu mais queria era esbofetear o rosto dele até sua expressão arrogante sumir, e meter o joelho em suas joias mais preciosas.

Pressionei os dedos contra as coxas e me obriguei a contar até três antes de responder. Quando respondi, minha voz era gelada o suficiente para fazer a Antártida parecer uma praia paradisíaca.

— Sim. — Meu sorriso ficou ainda mais largo. — Felizmente para nós dois, sr. Larsen, não tenho interesse em ser sua amiga, confidente ou qualquer outra coisa.

Não me incomodei em abordar a segunda parte de sua declaração — aquela sobre fazer o que ele dissesse, quando dissesse. Não era nenhuma idiota. Sempre seguia os conselhos de Booth em relação à segurança, mas não alimentaria o ego inflado de Rhys.

— Que bom. — Rhys se levantou. Eu odiava o quanto ele era alto. Sua presença encobria tudo ao redor até ele ser a única coisa em que eu conseguia me concentrar. — Vou verificar a casa antes de discutirmos os próximos passos, inclusive o aperfeiçoamento do seu sistema de segurança. No momento,

qualquer adolescente com acesso a tutoriais no YouTube consegue desativar o alarme. — Ele me encarou com ar desaprovador antes de desaparecer na cozinha.

Meu queixo caiu.

— Ele... você... — gaguejei, atipicamente sem fala. — Ora, que absurdo! — Olhei para Booth, que tentava desaparecer no gigantesco vaso de plantas ao lado da porta da frente. — Você não vai embora. Eu proíbo.

Rhys *não podia* ser meu guarda-costas. Eu o mataria, e a diarista *me* mataria por sujar o carpete de sangue.

— Ele deve estar nervoso, é o primeiro dia. — Booth parecia tão inseguro quanto sua voz. — Vocês vão se dar bem depois do... há... período de transição, Alteza.

Talvez... se chegássemos vivos ao fim do período de transição.

— Tem razão. — Levei os dedos às têmporas e respirei fundo. *Eu consigo*. Já tinha lidado com pessoas difíceis antes. Meu primo Andreas era o próprio filho de satã, e um lorde inglês certa vez tentou me apalpar por baixo da mesa no Baile da Rosa em Mônaco. Só parou depois que eu “acidentalmente” furei sua mão com um garfo.

O que era um guarda-costas mal-humorado comparado a aristocratas arrogantes, repórteres intrometidos e familiares diabólicos?

Rhys voltou. Surpresa, surpresa, ele continuava de cara feia.

— Detectei seis vulnerabilidades que precisamos resolver imediatamente — ele disse. — Vamos começar pela primeira: as janelas.

— Quais? — *Mantenha a calma. Seja razoável*.

— Todas.

Booth cobriu o rosto com as mãos enquanto eu considerava a ideia de transformar meu grampo de cabelo em uma arma mortal.

Nós *definitivamente* não chegaríamos vivos ao fim do período de transição.